

Proletários de todos os Países: UNI-VOS!

O Militante

BOLETIM DE ORGANIZAÇÃO DO P.C.P.

ALGUNS PROBLEMAS DE ORGANIZAÇÃO

SE OLHARMOS para o prestígio e influência que o nosso Partido conquistou nestes últimos anos entre o povo português — particularmente entre os operários, camponeses e intelectuais progressivos — e analisarmos o estado de desenvolvimento em que se encontra a organização partidária, fácil será verificar o desequilíbrio existente entre uma parte e outra. A nossa organização não se vem mostrando à altura de consolidar a influência de que goza, não se vem mostrando à altura de mobilizar as largas massas da população para acções concretas.

Se analisarmos, por outro lado, com justeza e sem paixão a evolução do crescimento dessa influência e o número de novos aderentes ao Partido, verificamos de uma maneira geral uma certa paralização nesse crescimento e até, nalguns casos, retrocessos. Este facto não se deve apenas — como muitos camaradas pensam — somente ao refluxo e a uma nova intensidade da repressão porque estamos passando, mas sim, muito principalmente, a debilidades do nosso trabalho de organização. Isto não é compreendido por muitos dos nossos camaradas, que vêem só nos dois aspectos: repressão e refluxo, as causas do mal. Contudo, a experiência mostra-nos o contrário: onde o Partido foi capaz de melhorar o seu trabalho de organização o seu prestígio consolida-se e alarga-se, o número de aderentes acusa progressos e as massas movimentam-se em pequenas lutas, que são, afinal, o ponto de partida para lutas mais largas.

O que nos indicam estes factos? Que a causa fundamental do mal encontra-se mais em deficiências do nosso trabalho de organização, do que no refluxo ou repressão, ainda que estes tenham também a sua importância para o caso.

Não podemos atribuir, também, à falta de um número suficiente de filiados do Partido, em várias camadas da população, o facto de não consolidarmos e alargarmos ainda mais essa influência e conquistar novos aderentes para o Partido entre elas. O Partido possui actualmente número de filiados suficiente (se atendermos às condições de igualdade em que vivemos e ao número de habitantes e tamanho do nosso país) para pôr em movimento todas as forças que conquistou e atraiu, outras, se melhorar rapidamente o trabalho de organização.

A composição orgânica do Partido podemos considerá-la boa: a percentagem de operários atinge mais de 50% de todos os filiados, seguindo-se-lhe a de camponeses assalariados, empregados, etc.. O número de mulheres conquanto seja ainda relativamente baixo é, contudo, suficiente para desenvolver um amplo trabalho feminino.

Se olharmos, ainda, para o evoluir dos acontecimentos internacionais e para o agravamento da crise económica e política que o país está atravessando que aumentará o descontentamento geral, despertando para a luta novos combatentes; podemos afirmar que o Partido tem, no actual momento, condições objectivas e subjectivas favoráveis, não só para manter a sua influência e o número de seus aderentes, mas também possíveis meios para alargar uma e outro.

Mas, para isso, uma coisa se torna indispensável: Eliminar no mais curto prazo de tempo algumas das principais deficiências do nosso trabalho de organização.

A falta de vida política nos organismos do Partido

Entre as nossas debilidades no campo da organização, a principal, podemos afirmá-lo, continua a ser — a falta de vida política na grande maioria dos

organismos do Partido. A maior parte das organizações do Partido continua a não ter vida política, não reúne com regularidade nem discute os problemas do Partido e das massas. As células, os comités locais, os sub-regionais, etc., que deviam seguir com a mais completa atenção tudo o que se passa na oficina, na empresa, no campo, no local ou região, que deviam saber o que pensam e desejam os trabalhadores e outras camadas da população, que deviam reunir para analisar e discutir estes problemas, para encontrar as formas justas de as conduzir na solução desses problemas, que deviam estudar e discutir para levar à prática a orientação e palavras de ordem do Partido, não o fazem na maior parte dos casos. A maioria desses organismos não reúne e não discute estes problemas.

Poderemos nós, nestas condições, dar uma justa orientação às massas trabalhadoras e ao povo português e sermos o seu guia? Poderemos nós em tais condições manter a influência que conquistamos e os aderentes que possuímos? Poderemos nós alargar essa influência e conquistar novos filiados para o Partido? Poderemos nós em tais condições criar e desenvolver organismos colectivos fortes e capazes de assegurarem às organizações e filiados existentes a assistência necessária, de forma a que se desenvolvam para que possamos atingir outros contactos, empresas, localidades e regiões? Poderemos nós elevar o nível político dos nossos camaradas, para poder aumentar o número dos nossos quadros e alargar o número dos nossos funcionários com maior capacidade e dedicação? Poderemos nós em tais condições seleccionar os camaradas mais activos, dedicados e capazes, para serem colocados criteriosamente nos cargos de Direcção? Poderemos nós nestas condições assegurar uma regular entrada de fundos para fazer face às despesas cada vez maiores do Partido? Não. Não podemos.

É na falta de vida política dos organismos do Partido, é na ausência de reuniões regulares para a análise e discussão dos problemas, para a distribuição de tarefas aos seus elementos e para o controle da sua execução, que encontramos, por conseguinte, a origem fundamental de todas essas debilidades que precisamos eliminar quanto antes.

Qual será a causa fundamental, que vem contribuindo para essa debilidade do nosso trabalho de organização — a falta de vida política — não tenha sido ainda completamente vencida, desde que consideramos primordial, não só para consolidar a organização e sua influência actual, mas também para o seu alargamento futuro e para melhoria de todo o nosso trabalho? Esta causa reside, essencialmente, na forma dispersa como a maior parte dos camaradas funcionários, controleiros e camaradas pertencentes a Comités Regionais, Sub-regionais, Locais, etc., vêm conduzindo o seu trabalho.

Concentração de esforços nos lugares fundamentais

A maior parte dos nossos camaradas, particularmente os funcionários controleiros, não concentram os seus esforços onde eles se tornam mais necessários, onde maiores perspectivas e vantagens se oferecem para a mobilização das amplas massas. Pelo contrário, dispersam as suas forças com uma série de contactos individuais ou com organismos sem possibilidades de desenvolvimento. Concentram muitas vezes a sua acção em certos pontos pelo facto de termos aí maior número de aderentes, sem olhar a que é muitas vezes para locais, empresas etc., onde apenas temos um elemento ou até não possuímos quaisquer ligações, que devemos voltar a nossa atenção, por serem de maior importância. Não é para as grandes concentrações industriais, para as grandes empresas, para os grandes aglomerados agrícolas, para as organizações de massas (Sindicatos, Casas do Povo e dos Pescadores, Grupos Recreativos e Desportivos, etc.) que estão concentrados — na maior parte dos casos — esses esforços, mas sim para o contacto individual na pequena localidade com o pequeno comerciante, o pequeno proprietário camponês, o artesão, o intelectual, etc.. Não se concentram os esforços nos pontos fundamentais da região ou localidade para aí construir organismos partidários sólidos e capazes.

Ora, é necessário compreender que será partindo da estruturação de fortes organismos em pontos fundamentais e de maior importância, levando-os a funcionar com a devida regularidade, isto é, que passem a ter uma vida política normal e activa, que poderemos vir a alargar e assegurar um grande número de ligações e de dar vida regular, também, a uma série de pequenas or-

Devemos ter presente que o Partido atravessa uma crise de crescimento. Os acontecimentos nacionais e internacionais desenvolvidos nestes últimos sete anos, depois da reorganização do Partido, a acção contínua e justa que este tem desenvolvido, alargaram a sua influência a dezenas ou até centenas de milhar de portugueses. A rapidez com que esta influência se estendeu e a ilegalidade em que o Partido tem vivido, não permitiram a criação de um número de quadros e organismos suficientes para pôr em movimento todas essas forças prestando-lhes a assistência necessária. O esforço do Partido, por isso, numa tal situação e com os quadros que dispõe, está em saber aproveitar os no máximo, conduzindo a sua acção no sentido de levar a reunir com regularidade os organismos que ofereçam condições de desenvolvimento rápido, prestando-lhes uma assistência eficaz e contínua, e não dispersando essas energias em contactos ou organismos que não ofereçam perspectivas.

Que devemos concluir destes factos?

Que o Partido atravessa uma fase na qual o problema de organização precisa de ser colocado num primeiro plano, porque necessita de rápida solução para podermos marchar em frente. Não podemos nem devemos continuar a encarar esse problema com a ligeireza com que o temos feito até aqui, que o temos relegado para um segundo ou terceiro plano, discutindo-o e analisando-o muito deficientemente nas nossas reuniões — e nem sempre — deixando que esse trabalho continue a predominar como forma de actuação com o reduzido número de quadros intermédios de que dispomos.

Com um tal processo de trabalho muito dificilmente a nossa organização poderá melhorar. E sem a sua melhoria escusado será pensar em conseguir progressos substanciais e sólidos para o nosso Partido; escusado será esperar que o nível político geral dos nossos camaradas se desenvolva como seria preciso e que novos quadros se formem para as necessidades cada vez maiores do Partido.

Será, pois, concentrando os nossos esforços nos pontos fundamentais, fazendo com que uma organização após outra — segundo a sua importância — passem a ter vida política, reunindo com regularidade, que poderemos vencer a curva em que nos encontramos. Só assim o Partido estará à altura de consolidar a influência que já conquistou e alargá-la às massas de outros locais ou regiões; só assim ele poderá aumentar o número dos seus aderentes e elevar o seu nível político; só assim ele poderá enfrentar a repressão cada vez mais feroz do salazarismo; só assim ele poderá ser o principal guia das forças democráticas e do povo português no momento grave que estamos atravessando.

Mas não tenhamos ilusões. Para que uma viragem destas se faça, para que esta curva seja ultrapassada pelo nosso Partido, torna-se necessário que o problema não seja apenas compreendido pelos camaradas de Direcção Central, mas sim pela maioria dos nossos quadros, muito particularmente pelos camaradas funcionários controladores e pelos que se encontram à frente dos Comités regionais e sub-regionais, de zona, locais, de empresa e células mais importantes. Por isso, impõe-se a necessidade que este problema seja amplamente discutido com os camaradas funcionários controladores e com os componentes desses organismos, para que os mesmos tenham uma nítida compreensão da forma como deverão melhorar toda a sua actuação futura.

Os camaradas responsáveis centrais dos sectores devem ter um completo conhecimento do sector e da organização. Devem saber quais os pontos fundamentais onde devem incidir os esforços do funcionário controlador e da organização local ou regional. Devem saber quais os organismos existentes que reúnem com regularidade e discutem os problemas e os que reúnem irregularmente ou não reúnem. Devem saber os problemas que estes organismos discutem e o que levam à prática. Devem procurar escolher os dias e as horas mais convenientes para que estes organismos reúnem, e estabelecer uma ordem de trabalhos para essas reuniões que esteja de acordo com o próprio grau de possibilidades do organismo e não sobre-carregá-los com problemas e tarefas que eles não compreendam e não estejam à altura de resolver. No caso dos componentes de um organismo terem dificuldade em se encontrarem para reunir com regularidade, devido a horas diferentes de trabalho, ou viverem ou trabalharem em locais diferentes, deve-se procurar vencer estes obstáculos.

procurando fazer reajustamentos na organização de forma a que esses elementos possam reunir. Por exemplo, numa empresa poderemos ter às vezes alguns camaradas que trabalham em horas diferentes ou que habitam em locais distantes do local de trabalho, o que pode dificultar o seu encontro para reuniões regulares da célula de empresa. Neste caso poderemos ver os camaradas que habitam no mesmo local e trabalham na mesma empresa para assim os poder reunir, controlando e orientando a célula a toda a sua actividade.

Assuntos há que podem ser tratados muitas vezes nas próprias viagens dos locais de residência para o trabalho, bem assim como na hora da refeição. Será analisando caso por caso e organização por organização que os responsáveis gerais dos sectores conjuntamente com os camaradas funcionários, controladores e outros camaradas pertencentes aos organismos, já atrás apontados, que poderão passar uma revista a todas as nossas forças para colocar cada um no lugar mais conveniente, sendo-o útil para o Partido.

Mas se há trabalhos do nosso Partido que requerem perseverança, continuidade e conhecimento, o trabalho de organização é um deles. Não devemos ter a ilusão que podemos organizar as forças de que dispomos dum só arranco e ao mesmo tempo. Temos que nos capacitar que será com uma assistência mais cuidada e mais efectiva aos principais organismos existentes, dando-os a funcionar com regularidade, que venceremos a maior parte dos nossos debilidades de organização.

O Partido Comunista e a Campanha Eleitoral

TAREFAS DOS COMUNISTAS

SEM DÚVIDA NENHUMA, que o apoio dado pelo Partido Comunista à apresentação da candidatura do Sr. general Norton de Matos, foi compreendida no fundamental por todos os comunistas, como também é verdade que fez espumar de raiva os governantes fascistas e alguns pseudo-democratas, que de há muito tramavam nos bastidores com vistas à apresentação do seu próprio candidato, o mesmo é dizer, para romperem a Unidade entre os democratas portugueses, entrando em compromissos com os fascistas.

De um modo geral, todo o Partido compreendeu que o facto de as forças democráticas apresentarem um candidato, representava só por si uma vitória sobre o fascismo, sobre os seus novos patrões anglo-americanos e sobre todos os divisionistas e sobotadores. Mas, se todos compreenderam a justeza política desta orientação, outro tanto já não sucedeu, quando se tratou de pôr em prática novas formas de organização susceptíveis de mobilizar as largas massas anti-salazaristas para a campanha eleitoral.

Alguns camaradas, quando se colocou a palavra de ordem da constituição de Comissões Eleitorais argumentaram que isso representava a liquidação do MUD, que era ir de encontro aos desejos dos oportunistas e liquidacionistas, etc. Outros defendiam que as Comissões do MUD se deviam transformar pura e simplesmente em Comissões Eleitorais. Outros, ainda, defendiam que lá onde existisse uma Comissão do MUD não tinha lugar uma Comissão Eleitoral e, por fim, outros defendiam que se deviam de constituir Comissões Eleitorais dentro e fora do MUD, etc.

Eram justas estas concepções? Não. Elas não eram justas.

Ao contrário do que esses camaradas tinham, as concepções por si então defendidas, é que levariam à liquidação do MUD, ou pelo menos, diluí-lo no Movimento pela candidatura que, como é sabido, só tem razão de existência durante determinado período de tempo.

Do que se trata, pois, não é diluir o MUD no Movimento que se pretende e torna necessário criar para o caso particular da Campanha da Candidatura mas, sim, ao contrário, mobilizar todas as nossas forças para revigorar o MUD, fortalecendo as suas Comissões já existentes e criando outras novas e, ao mes-

mo tempo sabermos criar e levar os outros democratas a criar Comissões Eleitorais por todo o lado.

Claro que muitos democratas participantes até aqui nas Comissões do MUD, podem e devem participar activamente nas Comissões Eleitorais mas, o que há que salvaguardar é evitar subaltermar-se as Comissões do MUD e sobrestimar-se as Comissões Eleitorais. Todos os nossos esforços devem consistir em pôr os dois Movimentos (que no fim de contas é só um) a agirem harmoniosamente, sem atropelos.

O MUD deve continuar a ser o Movimento director de todas as actividades legais dos democratas portugueses na sua luta pela conquista das liberdades mínimas — na sua luta por Eleições Livres e pela Democracia.

Diluir o MUD no Movimento da Candidatura, além de erróneo politicamente seria, por outro lado, diminuir a combatividade das forças democráticas e fazer um autêntico frete ao salazarismo.

O que se trata, pois, não é liquidar o MUD, como alguns «democratas» pretendem, mas sim, dar-lhe nova vida, revigorá-lo de forma a ele poder desempenhar, como lhe compete, o papel de dirigente e dinamizador de todo o Movimento legal dos democratas portugueses pela conquista de Eleições Livres.

AS COMISSÕES ELEITORAIS

A curta experiência do trabalho neste campo, já nos demonstrou que o MUD e as Comissões Eleitorais podem existir lado a lado com proveito para a luta geral pela conquista de Eleições Livres. A experiência futura dir-nos-á o resto.

A constituição de milhares de Comissões Eleitorais por todos os recantos do País, longe de ir prejudicar a actividade do MUD, pelo contrário, irá aumentá-la e posteriormente, se soubermos trabalhar, se todos os democratas souberem trabalhar, irá reforçá-lo e fortalecê-lo com novos combatentes forjados no fogo duro da luta.

Recuar a constituição de Comissões Eleitorais seria querer ignorar a existência de muitos milhares de anti-salazaristas, que susceptíveis de virem a participar em Comissões Eleitorais não o são, entretanto, de participarem desde já em Comissões do MUD.

EXISTEM PERIGOS DE SE DESCAMBAR NO OPORTUNISMO?

Sim, eles existem, como aliás, sempre existiram mais ou menos à vista. Como existe o perigo de alguns democratas menos firmes e falhos de perspectivas pretenderem, no decorrer da campanha, ir às eleições mesmo que as condições mínimas não sejam alcançadas. Mas o facto de nos apercebermos disso com antecedência já é em si muito importante, porque nos indica que todos temos que estar muito vigilantes ante essas possíveis manobras, que mais não seriam do que uma autêntica traição, para lhes dar-mos combate implacável. E se assim é não basta assinalar esses perigos. O mais importante, o que se impõe desde já, é tomarem-se medidas para os liquidar à nascença. E como, senão virando-nos audaciosamente para as massas, para o povo? Como senão organizando as massas?

SEM UMA ORGANIZAÇÃO CAPAZ,

UMA LINHA POLÍTICA JUSTA POUCO VALE

Ter uma linha política justa é muito importante, é, sem dúvida nenhuma, o fundamental, mas não é o suficiente.

Para que a linha política do Partido possa ser aplicada na prática, É NECESSÁRIA A EXISTÊNCIA DE UMA ORGANIZAÇÃO À ALTURA DAS CIRCUNSTÂNCIAS — UMA ORGANIZAÇÃO FORTEMENTE ENRAIZADA NAS MASSAS.

Não basta, portanto, que o Partido possua uma boa organização interna. O importante e fundamental é que ele tenha a sua acção ligada às mais largas massas da população e, em primeiro lugar, à classe operária.

Em toda a parte onde se encontrem as massas, nas empresas e nos campos, nas associações de classe, recreativas, desportivas, culturais, etc., aí deverão estar os comunistas. Mas, não basta, ainda, que os comunistas aí actuem. É ne-

cessário que essas massas sejam movimentadas para a luta pelas suas reivindicações e organizadas nas formas mais variadas de organização, partindo das mais simples para as mais complexas.

Só assim a linha do Partido poderá ser levada à prática com êxito, pois a experiência diz-nos que só de uma forma organizada se poderá enfrentar com sucesso o inimigo e posteriormente derrotá-lo.

Se falamos em organizar as massas nas mais variadas formas de organização, logo nos salta à vista a necessidade de sabermos constituir vários tipos de organizações, chamemos-lhe assim, para cada dado momento de luta. ORA A SITUAÇÃO POLÍTICA, CRIADA COM A APRESENTAÇÃO DA CANDIDATURA, INDICA-NOS A NECESSIDADE DE DESENVOLVERMOS TODOS OS NOSSOS ESFORÇOS PARA MANTER, E NÃO SÓ MANTER, MAS REVIGORAR, AS ORGANIZAÇÕES JÁ EXISTENTES. COMO O MUD E O MUNAF, E PARALELAMETE SABERMOS CRIAR, POR EM PÉ, UM LARGO MOVIMENTO PELA CANDIDATURA, CUJA BASE TEM NECESSARIAMENTE QUE ASSENTAR NAS COMISSÕES ELEITORAIS.

COMO CONSTITUIR AS COMISSÕES ELEITORAIS? QUAIS AS SUAS TAREFAS?

Como é sabido, este problema já foi abordado várias vezes no «Avante!». Todavia, nunca é demais repisá-lo.

As Comissões Eleitorais devem ser organismos simples e com tarefas ainda mais simples — nada de se lhes complicar a vida, de as afogar com montões de problemas. À medida que a luta se vá desenvolvendo e a experiência o indique, as tarefas crescer-se-ão.

Estas comissões deverão ser fomentadas por todos os democratas e, em primeiro lugar pelos comunistas. Nelas podem e devem participar todos os portugueses e portuguesas, velhos e jovens, com direito ou sem direito a voto, que honestamente o queiram fazer. Elas não devem ser escolhidas a dedo e por cima por este ou aquele democrata dirigente, seja ele quem for, mas sim, escolhidas e eleitas pelo próprio povo que quer Liberdade e Eleições Livres.

O facto de se não ter direito a voto não significa de modo nenhum, que se não possa e se não deva participar numa Comissão Eleitoral. Isso significaria afastar a maioria dos portugueses e portuguesas da luta por aquilo que eles tanto anseiam: Liberdade, Eleições Livres e Democracia. Os que não têm direito a voto, quer sejam homens ou mulheres, podem e devem ser organizados nas Comissões Eleitorais para lutarem por esse direito primário. Os que não têm idade para votar — a juventude — podem e devem lutar com todo o povo por Eleições Livres para com a conquista da Democracia, poderem ver satisfeitas muitas das suas reivindicações económicas, políticas e culturais.

A experiência tem nos ensinado que as Comissões eleitas e escolhidas pelas massas têm sabido lutar à frente destas pelas suas aspirações. Também estas comissões a constituir, não tenhamos dúvidas, se saídas do povo, saberão lutar pelos seus direitos e anseios do povo: Liberdade e Eleições Livres.

AS TAREFAS FUNDAMENTAIS DAS COMISSÕES ELEITORAIS

Propagar e agitar o nome do candidato e, muito particularmente, os pontos mais importantes do seu «MANIFESTO À NAÇÃO»; reivindicar liberdade de imprensa e de reunião, assim como a criação de novos jornais e paralelamente lutar pela abolição da censura; exigir uma verificação aos cadernos eleitorais e desmascarar em seguida as arbitrariedades verificadas; exigir a abertura de um recenseamento sem pressões e pelas burocráticas, e posterior fiscalização onde se possa verificar livremente se todos os que se inscreveram constam nos cadernos; exigir a garantia da participação dos democratas nas mesas eleitorais e na contagem dos votos. E, por fim, agitar por toda a parte que, sem estas garantias se não deve ir às eleições porque isso representaria uma autêntica traição à Democracia e ao Povo.

AS MULHERES E A ACTIVIDADE

Nos Sindicatos Nacionais



GES
PCP

O problema da participação das mulheres ao lado dos seus companheiros de trabalho nas actividades relacionadas com os sindicatos, é um dos problemas que não têm merecido a atenção devida por parte das Comissões Sindicais de Unidade embora este seja da máxima importância e, nalgumas indústrias, fundamental.

Os fascistas e os patrões reacccionários procuram por todas as formas separar as mulheres operárias dos seus companheiros de trabalho e, até mesmo os Sindicatos Nacionais, esforçam-se por impôr essa separação, constituindo secções femininas. Os problemas comuns aos operários de ambos os sexos são, assim, tratados separadamente. É evidente que essa separação só é prejudicial aos interesses dos operários e operárias que vêm a sua unidade fraccionada na luta que devem travar em conjunto e para qual necessitam mobilizar todas as suas forças.

Mas não só os patrões e os fascistas promovem essa separação. Os próprios operários são por vezes causa dela porque não se interessam suficientemente pelos problemas particulares das mulheres e não têm em consideração a sua existência quando da formação de Comissões para tratarem de problemas comuns ou não procuram levar as mulheres a uma participação mais larga na vida dos sindicatos. Na medida em que se procede desta maneira, está-se fazendo, sem querer, o jogo dos patrões e dos fascistas que pregam a teoria reacccionária de que «o lugar da mulher é no lar» para melhor a explorarem nas fábricas.

Muitos operários não se dão conta de que desinteressando-se da sorte das suas companheiras de trabalho mais facilmente elas serão presas da exploração patronal e, por este facto, maior será a concorrência que a mão de obra feminina lhes fará e menor será a contribuição económica das mulheres operárias para os seus lares.

Há indústrias em que a percentagem de mulheres é bastante mais elevada do que a dos homens. Apesar disso não se vê que a participação das mulheres na resolução dos vários problemas que afectam a vida dos operários dessas indústrias, esteja em relação com a sua importância na produção, sucedendo até que essa participação, em muitos, casos não existe.

É incompreensível que nas indústrias onde predomina o elemento feminino as mulheres não participem nas Comissões Sindicais. Entretanto isso verifica-se com frequência. As Comissões Sindicais devem procurar interessar as mulheres trabalhadoras na vida dos seus Sindicatos, fazendo com que se realizem reuniões para tratar exclusivamente dos problemas que lhes dizem respeito, devem lutar pela inclusão nos contratos colectivos de cláusulas que defendam os interesses particulares das mulheres, procurando que as mulheres operárias sejam pagos salários de acordo com o trabalho por elas realizado, por subsídios de gravidez e parto, construção de creches, etc.. Desta maneira as mulheres poderão verificar uma melhor compreensão dos seus problemas, tornando-se mais fácil a sua mobilização.

Em muitas indústrias as mulheres trabalhadoras têm dado e continuam dando boas provas do seu espírito de luta, participando ao lado dos seus companheiros de trabalho em muitos movimentos reivindicativos. Há que tornar essa participação mais larga e permanente chamando-as para fazerem parte das Comissões Sindicais e de Unidade permanentes.

Não poderemos pensar numa verdadeira mobilização do povo para a luta contra o fascismo, pela paz e pela Democracia, se nos esquecermos da importância que tem para essa luta a mobilização das mulheres e particularmente a das mulheres trabalhadoras.

REFORCEMOS



A DEFESA DO PARTIDO

CONTRA a REPRESSÃO do GOVERNO SALAZARISTA

PARA continuar a sua acção demagógica e enganadora, por intermédio da qual pretende fazer acreditar nas «grandiosas realizações» do «Estado Novo»; Para poder fazer entrar Portugal numa futura guerra às ordens dos seus patrões da América e da Inglaterra — política contrária aos interesses do povo, à soberania e independência nacionais; vendo-se cada vez mais odiado e hostilizado pelo povo português, que deseja ver instauradas as liberdades democráticas, o salazarismo prepara novos ataques às forças democráticas e esforça-se por vibrar novos e profundos golpes no nosso Partido.

Esta realidade impõe-nos, portanto, fazer uma análise à nossa actividade conspirativa e saber encontrar e eliminar prontamente todas as nossas deficiências que ainda subsistem.

É justo salientar que, dum modo geral, o Partido acusa progressos na sua actividade conspirativa, na sua luta contra a repressão fascista. Há uma melhor noção da responsabilidade que pesa sobre os nossos ombros.

No entanto, há ainda deficiências que se impõe eliminar quanto antes, se não queremos dar o fianco à repressão fascista, se não queremos correr o risco de pôr em perigo organizações e quadros do nosso Partido. Citemos algumas das nossas deficiências mais salientes, neste domínio, da nossa actividade. Continuamos a constatar que algumas das organizações do Partido não discutem suficientemente o problema conspirativo, não tomando por consequência, as necessárias medidas com vista à sua defesa e consolidação, com vistas a novos progressos e êxitos na sua actividade.

Da parte de alguns camaradas não está totalmente liquidada a perigosa ideia de que «não são conhecidos pela polícia, que podem andar, por isso, mais à vontade», quando a realidade nos indica precisamente o contrário.

Continua-se a constatar faltas de pontualidade a encontros. Algumas reuniões e encontros continuam a ter lugar em sítios e a hora muitíssimo inconvenientes. E por outro lado, continua a verificar-se, da parte de alguns camaradas, a fuga à informação, a fuga ao controle de algumas faltas em matéria conspirativa.

Estas e outras deficiências e incompreensões exigem de todas as organizações e militantes do Partido um redobrado esforço com vistas a:

1.º — Apreciar em cada reunião e em cada encontro a actividade conspirativa tomando e fazendo cumprir as medidas que se imponham;

2.º — Reconhecer, franca e abertamente, por parte de cada uma das organizações, por parte de cada militante do Partido as suas deficiências bem como corrigi-las rapidamente na actividade quotidiana do Partido.

3.º — Alertar e orientar os militantes e simpatizantes do Partido e todos os democratas em relação à acção da polícia não esquecendo a colaboração que a esta estão prestando elementos da Polícia Judiciária, G.N.R., P.S.P., Legião, bem como alguns padres fascistas; e não esquecendo que o inimigo está actuando não somente nos grandes centros mas também nas pequenas localidades.

4.º — Ter muito presente que na medida em que vamos entrando num ano de intensa actividade política relacionada com as próximas «eleições» (Presidente da República, à Assembleia Nacional e Juntas de Freguesia); que na medida em que o salazarismo está comprometendo cada vez mais o país à política dos fomentadores de guerra condenada de antemão ao fracasso; que na medida em que o salazarismo se sente mais separado do povo, e, ele recorrerá com força crescente à repressão sobretudo contra o Partido visto ser este o seu inimigo mais irredutível. Toda esta situação exige maior compreensão e sacrifício, exige sérios esforços para consolidar a organização do Partido e facilitar o cumprimento da sua gloriosa missão.